



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
CAMPUS DE JI-PARANÁ  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL**

**AS ERVAS MEDICINAIS DO POVO DJEOROMITXI:  
descrição de usos e conhecimento tradicional**

Acadêmico: José Roberto Jaboti

Orientador: Reginaldo de Oliveira Nunes

JOSÉ ROBERTO JABOTI

**AS ERVAS MEDICINAIS DO POVO DJEOROMITXI:  
descrição de usos e conhecimento tradicional**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação Intercultural da UNIR, como requisito para a obtenção do título de licenciado em Educação Básica Intercultural, sob orientação do Professor Mestre Reginaldo de Oliveira Nunes.

**Ji-Paraná – 2015**

Jaboti, José Roberto

J119e 2015 As ervas medicinais do Povo Djeoromitxi: descrição de usos e conhecimento tradicional / José Roberto Jaboti; orientador, Reginaldo de Oliveira Nunes. -- Ji-Paraná, 2015  
27 f. : 30 cm

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural. – Universidade Federal de Rondônia, 2015  
Inclui referências

1. Povos indígenas - Rondônia. 2. Plantas medicinais. I. Nunes, Reginaldo de Oliveira. II. Universidade Federal de Rondônia. III. Título

CDU 39(811.1):633.88



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR  
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL – DEINTER  
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos dez dias do mês de abril de dois mil e quinze, reuniram-se na Fundação Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-Paraná, os professores avaliadores, Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Cereda Gomide, Dr<sup>o</sup> Kécio Gonçalves Leite e o orientador, professor Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes para proceder a avaliação do trabalho de conclusão de curso intitulado “**AS ERVAS MEDICINAIS DO POVO DJEOROMITXI: descrição de usos e conhecimento tradicional**” apresentado pelo acadêmico JOSÉ ROBERTO JABOTI. Os trabalhos foram iniciados as 16:15, sendo o acadêmico arguido pela banca examinadora por um período de 90 minutos. Após, o trabalho foi considerado aprovado com nota 100. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrado o ato da defesa.

Prof. Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes – Orientador (UNIR)

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Cereda Gomide – Avaliador (UNIR)

Prof. Dr<sup>o</sup>. Kécio Gonçalves Leite – Avaliador (UNIR)

José Roberto Jaboti – Acadêmico (UNIR)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus pais, minha esposa, filhos e toda a comunidade, pois sem vocês minha vida não existiria.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço toda equipe que mostrou presente na elaboração do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural, específico e diferenciado para povos indígenas de Rondônia, noroeste de Mato Grosso e Sul do Amazonas.

A todos docentes com quem estudei, e especialmente ao meu orientador Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes, que se encontra em Minas Gerais cursando Doutorado em Biologia, desejo um bom estudo professor e que volte logo.

Não posso esquecer também de agradecer as nossas lideranças indígenas do nosso estado como Weliton Gavião, Antenor Karitiana e os demais, que lutaram para o curso ser implantado na UNIR, campus de Ji-Paraná.

Agradeço a minha família, a comunidade pelo apoio que me deram para minha formação, os que confiaram na minha pessoa, fico grato, e muito mais com os que contribuíram com seus conhecimentos, das ervas medicinais tradicionais do povo Djeoromitxi, que foi a intenção do trabalho fazer seus registros descritivos na língua. Digo a minha mãe que não seria possível fazer essa pesquisa de campo sem a participação da senhora dona Nazaré e você Marcos, a tia Nõbuika, o conhecimento que o papai nos deixou, falecido em 21 de novembro de 2011, vítima de câncer, vocês que sempre tiveram ao meu lado no trabalho meu muito obrigado.

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso visa, através de uma perspectiva etnobotânica descritiva, levantar por meio do conhecimento tradicional, as espécies vegetais utilizadas na terapêutica do povo Djeoromitxi. Essa pesquisa tem fundamental importância para o grupo étnico, pois o uso dessas determinadas ervas pelo Povo Djeoromitxi estão se perdendo, e por esta razão, este trabalho vem contribuir com o fortalecimento da cultura. Essa pesquisa é inédita para a Universidade pois não há nenhum registro bibliográfico e autor que fale sobre as ervas medicinais utilizadas pelo Povo Djeoromitxi. A presente pesquisa foi realizada na comunidade Baía das Onças, localizada na Terra Indígena Rio Guaporé no município de Guajará-Mirim, estado de Rondônia. Antes do desenvolvimento da pesquisa, foi realizada uma reunião explicando o tema e o objetivo do projeto para a comunidade. As principais fontes de informação foram os mais velhos da comunidade, sendo obtidas informações através de entrevistas e demonstração de uso com incursão in loco em campo para registro e identificação das ervas medicinais. Foram citadas 14 espécies de plantas utilizadas para diversas finalidades. Foi possível com a realização desta pesquisa, identificar e analisar os usos das ervas medicinais do povo Djeoromitxi, que com as modificações da cultura tinham sido influenciadas e fez com que o povo deixasse de utilizar as ervas medicinais. Todo esse esforço é importante para o povo Djeoromitxi, evitando o uso direto do remédio da farmácia, que está fazendo mais mal do que curando as doenças. Com os dados apresentados, a Universidade pode conhecer o real potencial das ervas medicinais em relação as suas utilizações na cura de doenças do povo Djeoromitxi, o que fez com que o conhecimento tradicional fosse resgatado e fortalecido assim a cultura do povo.

**Palavras chave:** Plantas Medicinas, Povo Djeoromitxi, Conhecimento Tradicional.

**SUMÁRIO**

	INTRODUÇÃO .....	09
CAPÍTULO I	PLANTAS MEDICINAIS E POVOS INDÍGENAS .....	11
CAPÍTULO II	PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA .....	15
2.1.	Descrição da área de estudo e do Povo Djeoromitxi .....	15
2.2.	Procedimentos Metodológicos .....	17
CAPÍTULO III	PLANTAS MEDICINAIS DO POVO DJEOROMITXI .....	18
	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	26
	REFERÊNCIAS .....	27

## INTRODUÇÃO

Segundo Diegues (1996), a etnociência trata de estudos que compreendem o conhecimento de diferentes sociedades sobre os processos naturais, buscando o entendimento da lógica subjacente ao conhecimento humano sobre a natureza, suas taxonomias e classificações.

Em Rondônia, estudos envolvendo o etnoconhecimento, especificamente a etnobotânica ainda se mostram em plena incipiência, principalmente no que se refere aos conhecimentos associados aos grupos indígenas. O governo ainda não produziu estudos específicos dos conhecimentos tradicionais no estado, principalmente em relação as plantas medicinais, com isso há perdas significativas desses conhecimentos em relação a algumas etnias que tem menos de dois a quatro falantes da língua indígena.

A importância de se estudar os grupos indígenas refere-se ao fato de nosso país ser rico em biodiversidade, e é na Amazônia que concentra a maior floresta tropical do mundo e os povos indígenas que habitam esses territórios. Cada povo tem domínio do seu território e conhecimento próprio do mesmo, e o usam para sua sobrevivência.

A falta de registros do conhecimento sobre as plantas medicinais dos povos que habitam a Amazônia faz com que as populações acabem perdendo seus conhecimentos com a morte dos integrantes mais velhos que são detentores desses saberes. Exemplo, é o povo Djeoromitxi, que até o momento ainda não tinha sido feito nenhum levantamento sobre os conhecimentos das ervas medicinais.

Para o povo Djeoromitxi houve época em que toda a confiança sobre as ervas medicinais diminuíram, pois os jovens não queriam mais saber dos remédios tradicionais, por existir diversos remédios nas farmácias. Era mais fácil buscar o remédio na farmácia do que se deslocar ao mato para buscar as ervas para o tratamento das doenças, e os pais acabaram perdendo o interesse em ensinar seus filhos. Para surpresa dos mesmos, os medicamentos farmacêuticos ficaram caros e algumas enfermidades incuráveis, neste sentido, estão procurando a cura das enfermidades baseadas no conhecimento tradicional, conhecimento este desvalorizado por um longo período.

Por essas razões, segundo Di Stasi (1996), as pesquisas sobre as espécies vegetais com potencial medicinal vêm sendo revalorizadas, com possibilidade de descoberta de novos princípios ativos úteis como medicamentos para a população, e nesse contexto, chamado de saber popular.

O presente trabalho de conclusão de curso visa, através de uma perspectiva etnobotânica descritiva, levantar por meio do conhecimento tradicional, as espécies vegetais utilizadas na

terapêutica do povo Djeoromitxi. O conhecimento acumulado pelas sociedades tradicionais, através de estreita relação com a natureza, desempenha papel fundamental para manutenção da diversidade biológica, assegurando a utilização racional dos recursos naturais.

A Universidade desconhece o real potencial das ervas medicinais em relação das suas funções de cura desse grupo étnico do Estado de Rondônia. Após contato, o povo Djeoromitxi vem praticando outra cultura, desvalorizando os usos dessas ervas e não praticando a medicina tradicional como forma de curas das enfermidades.

Essa pesquisa tem fundamental importância para o grupo étnico, pois o uso dessas determinadas ervas pelo Povo Djeoromitxi estão se perdendo, e por esta razão, este trabalho vem contribuir com o fortalecimento da cultura. Essa pesquisa é inédita para a Universidade pois não há nenhum registro bibliográfico e autor que fale sobre as ervas medicinais utilizadas pelo Povo Djeoromitxi. Portanto, a pesquisa visou atender os anseios da comunidade, valorizando os seus conhecimentos empíricos e mantendo assim viva os usos dessas ervas.

O trabalho é apresentado em três capítulos, onde no primeiro é feita uma revisão de literatura sobre as plantas medicinais e a relação com os povos indígenas. No segundo capítulo são abordados os procedimentos metodológicos da pesquisa e uma descrição da área de estudo e do povo Djeoromitxi. O terceiro capítulo apresenta os resultados da pesquisa, listando todas as plantas medicinais citadas pelos sabedores indígenas e por fim, são feitas as considerações finais do trabalho, destacando a importância do mesmo no resgate do conhecimento tradicional.

## CAPÍTULO I

### PLANTAS MEDICINAIS E POVOS INDÍGENAS

O conhecimento acumulado pelas sociedades tradicionais, através da estreita relação com a natureza, desempenha papel fundamental para manutenção da diversidade biológica, assegurando a utilização racional dos recursos naturais (DIEGUES, 1996).

Os Djeoromitxis têm formas de dar importância para a conservação da biodiversidade, que durante o surgimento do nosso povo somos orientados por nossas divindades e pajé a não tocar em certas espécies de plantas, pois sabemos que cada uma delas têm uma função importante para nossa sobrevivência ou destruição. Isso faz com que cuidemos e respeitemos a natureza.

Segundo Diegues (1996), a relação simbiótica entre homem e a natureza, presente tanto nas atividades produtivas quanto nas representações simbólicas do ambiente, permite que tais sociedades acumulem amplos conhecimentos sobre os recursos naturais corrente em seus territórios. Essas populações tradicionais têm sido submetidas a crescentes pressões econômicas e culturais impostas pela sociedade urbano-industrial, o que tem legado consequência nefastas para suas práticas cotidianas.

O Brasil é o país de maior biodiversidade do planeta que, associada a uma rica diversidade étnica e cultural que detém um valioso conhecimento tradicional passado de geração a geração, entre os quais se destaca o vasto acervo de conhecimentos sobre manejo e uso de plantas medicinais (BRASIL, 2006). Nosso país detém a maior parcela da biodiversidade, em torno de 15 a 20% do total mundial, com destaque para as plantas superiores, nas quais detém aproximadamente 24% da biodiversidade.

Acredita-se que boa parte das plantas empregadas com fins medicinais pode ainda não estar registradas nos compêndios de terapêutica e farmacologia, mas se encontram vivas nas florestas e hortas, nos campos e jardins, conhecidas e experimentadas pela população, com suas farmácias caseiras (BRAGANÇA e BRAGANÇA, 1996).

A prática da fitoterapia enseja respostas terapêuticas satisfatórias em um grande número de afecções comuns no cotidiano da população. Evidentemente, que por se tratar de plantas, não significa dizer que estas não possam produzir efeitos adversos, colaterais ou até mesmo tóxicos. Seu uso, portanto, deve ser feito com respaldo técnico-científico.

Nos últimos anos, inúmeros fatores têm contribuído para o aumento do uso das plantas medicinais por parte da população, promovendo uma corrida para a utilização de produtos ditos naturais. Observa-se que existe uma grande expectativa frustrada quanto aos produtos sintéticos,

em relação a sua eficácia para as diversas patologias, seus efeitos. Além disto, tem sido crescente o aumento da confiabilidade no potencial terapêutico das plantas medicinais, pelo avanço da pesquisa nesta área e valorizando e preservando o conhecimento das comunidades tradicionais.

Estudos dos conhecimentos das comunidades tradicionais, são denominados na área conhecida como etnobotânica e, são levantamentos efetivados em local habitado por uma população étnica e culturalmente diferenciada onde é realizada a coleta de informações junto à população a respeito da nomenclatura das plantas, usos e significados culturais dessas plantas. (ALMASSY JUNIOR, 2004).

Atualmente, a etnobotânica pode ser compreendida como o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal e que engloba tanto a maneira como algum grupo social classifica as plantas, como os respectivos usos (AMOROZO, 1996). JORGE e MORAIS (2003) corroboram este conceito e complementam que, além de estudar as inter-relações entre o ser humano e as plantas, levando em conta fatores ambientais e culturais, a etnobotânica atualmente caracteriza-se pelo resgate dos conceitos locais que são desenvolvidos com relação às plantas e ao uso que se faz delas (ALMASSY JUNIOR, 2004).

Sabe-se que o uso das plantas medicinais é tão antigo quanto o próprio ser humano, que desenvolveu a arte de curar por meio de um contato mais íntimo com a natureza e da observação dos animais.

De acordo com Martins *et al.* (2003), “planta medicinal é aquela que contém um ou mais princípio ativo que lhe confere atividade terapêutica”. Para Pires e Gripp (1998), é qualquer vegetal produtor de drogas ou de substâncias biologicamente ativas utilizadas direta ou indiretamente como medicamento.

Segundo Biazzi (2002) as plantas medicinais são consideradas recursos auxiliares de programas terapêuticos que resgatam aspectos culturais, do uso desta terapia, contribuindo para qualidade de vida alternativa dos povos indígenas.

Pela praticidade e economia, as ervas viabilizam alternativas eficazes na cura de determinadas doenças, além de serem utilizadas em rituais. A sociedade indígena pode ser considerada ainda a maior e mais confiável fonte do conhecimento empírico existente, pois ainda detêm na grande quantidade de informações inexploradas pela ciência oficial sobre formas de como lidar com ambiente biologicamente diversificado e que podem ser úteis para compreensão destes ecossistemas e para o desenvolvimento de atividades produtivas menos predatórias (SILVA, 2009). As potencialidades e aplicações de várias plantas com interesse medicinal aromático e alimentício surgiram recentemente com um interesse renovado na revitalização do

conhecimento tradicional da população indígena que reside nas reservas ou malocas (SANTOS, 2010).

O uso de plantas medicinais tem sido considerado consagrada em épocas diversas da história humana, cujo o acúmulo de informações, obtido por meio de diversos povos, representa milênios de história. Segundo Di Stasi (1996), o uso das espécies vegetais como forma de tratamento e cura de doenças vêm do início da civilização. A partir desse momento o homem acordou para a consciência e começou a manusear os recursos naturais para seu benefício. Prática esta que ultrapassou barreiras e obstáculos durante a evolução das plantas e chegou até nossos dias, como uma forma utilizada pela maioria da população mundial como fonte de recurso terapêutico eficiente.

Conforme CORRÊA *et al.* (2000), a utilização de plantas na cura é um tratamento muito antigo, desde os primórdios da medicina e baseia-se no acúmulo de informações através de sucessivas gerações. Logo após a medicina empírica passou a se desenvolver, com várias plantas utilizadas para diversos fins.

Na área de saúde, em particular, aproximadamente, 85% das pessoas, no mundo, são adeptas de algum sistema tradicional de cura com base em plantas medicinais e 25% dos medicamentos farmacêuticos derivam de vegetais (OLIVEIRA *et al.*, 2005). Alguns pesquisadores concluíram que a maior parte dos compostos químicos usados como drogas tem o mesmo uso ou um uso semelhante àqueles que se faziam das plantas que lhes deram origem (VASCONCELLOS, 2005).

As plantas ainda são uma fonte indispensável de medicamentos, mesmo depois de todo o progresso na síntese de compostos orgânicos e na biotecnologia. Atualmente 121 substâncias químicas de estrutura conhecida são extraídas diretamente de plantas e usadas como medicamento em todo o mundo (FARNSWORTH e SOEJARTO, 1991).

No Brasil, as plantas medicinais têm uso extremamente disseminado, principalmente junto os grupos sociais mais tradicionais, para o tratamento das doenças mais frequentes, devido ao preço acessível, à tradição cultural e à facilidade de uso dos fitoterápicos (ELISABETSKY, 1987; SHEFFER, 1992). Contribui ainda para este quadro a falência gradativa dos sistemas de saúde públicos e o baixo custo das pesquisas com preparações populares (ELISABETSKY, 1999; SHEFFER, 1992) e os antecedentes etnológicos da nossa população, que mesmo com a evolução da química a partir do século XIX, manteve o hábito do uso de plantas medicinais, caracterizando uma sociedade adaptada a estas formas de tratamento (ELISABETSKY, 1999).

O interesse dos povos em relação ao meio ambiente, e em especial aos vegetais, data de milhares de anos. Registros históricos demonstram que na Antiguidade, o homem já conhecia diversas propriedades das plantas, dentre estas, destaca-se suas propriedades medicinais. O

conhecimento sobre o valor terapêutico das espécies vegetais vem sendo transmitido, ao longo dos tempos, de geração a geração, formando, juntamente com outras práticas, um sistema médico, conhecido como tradicional (FERNANDES, 1982; SIMÕES *et al.*, 1999).

Logo, sentiu-se necessidade de se estudar o uso e o conhecimento das plantas pelos grupos humanos de diferentes culturas e, dessa forma, captar informações que pudessem ser empregadas na procura de substâncias biologicamente ativas que pudessem ser utilizadas na produção de medicamentos. Assim, surgiu a etnobotânica, representando a área da pesquisa destinada à investigação das relações entre povos e plantas, destacando-se, dentre essas relações, o uso das práticas medicinais, envolvendo vegetais utilizados na medicina popular (DI STASI, 1996).

Diversos estudos etnobotânicos vêm sendo desenvolvidos no Brasil e no mundo, buscando conhecer a medicina popular de povos tradicionais e/ou contemporâneos e as formas de organização desses conhecimentos, procurando, ainda, plantas que apresentem efetivamente uma atividade terapêutica e que conseqüentemente possibilitem a descoberta de novos fármacos. No entanto, tem-se observado que há poucas referências etnobotânicas para os povos indígenas do Brasil (ALBUQUERQUE, 2000). Das 122 culturas indígenas brasileiras, só há estudos etnobotânicos completos para menos de um terço, apesar de toda a diversidade cultural e biológica do Brasil (TOLEDO, 1996).

## CAPÍTULO II

### PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

#### 2.1. Descrição da Área de Estudo e do Povo Djeoromitxi

A Terra Indígena Rio Guaporé (Figura 01), está localizada á Oeste do Estado de Rondônia, na margem direita do rio Guaporé município de Guajará Mirim, a 300 km do município. Essa terra indígena foi demarcada em 1986 tendo a sua homologação somente em 1996. A sua área total é de 117.000 ha, nela estão habitadas: Djeoromitxi, Macurap, Tupari, Aricapú, Canoé, Oro nao, Aroá, Cujubim, Cassupá e Wajuru, totalizando 10 etnias diferentes com os números de habitantes de 677 pessoas, com totais diferenças nas línguas, nos costumes, nos modos de pensamentos, nas histórias, enfim, na tradição e cultura em geral.

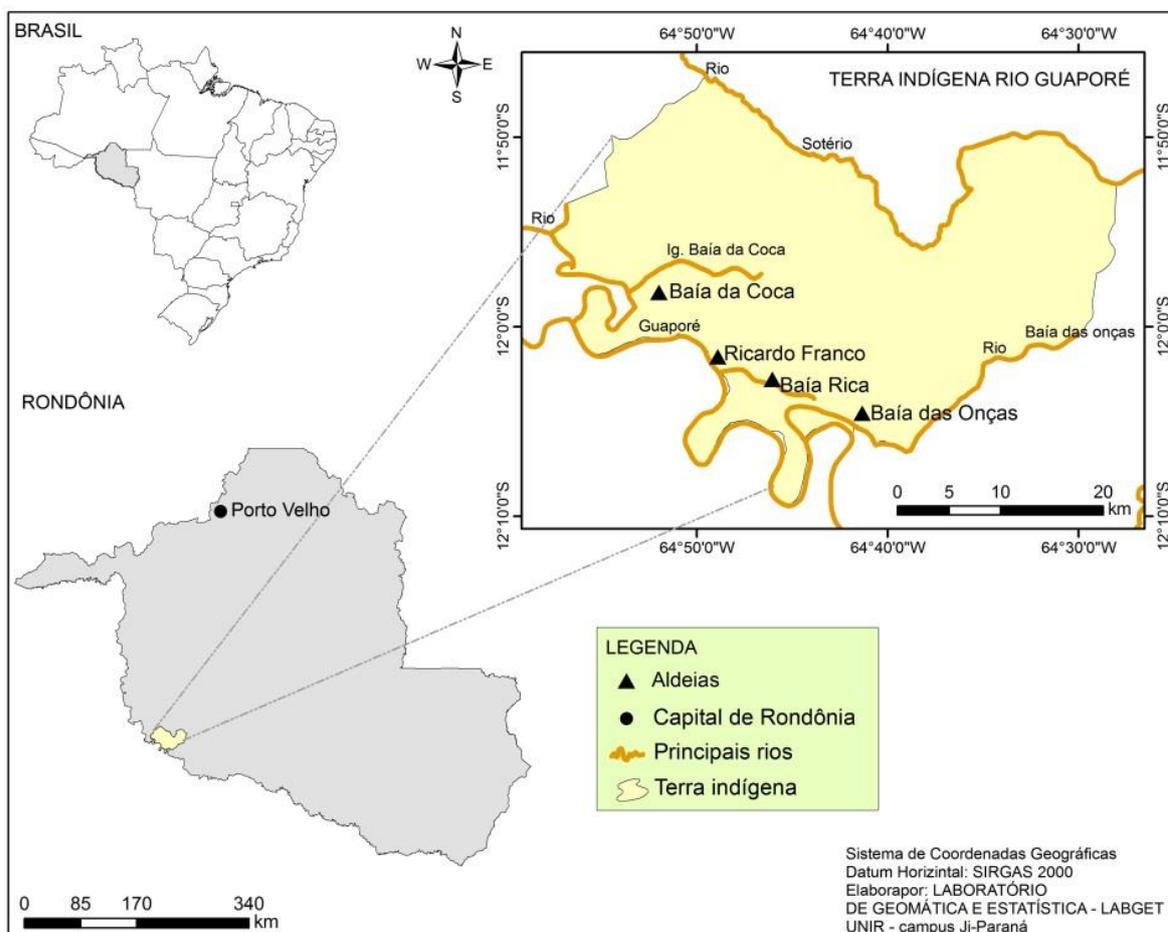


Figura 01: Mapa da Terra Indígena Rio Guaporé.  
Fonte: Laboratório de Geomática e Estatística- LABGET.

Na Terra Indígena Rio Guaporé localiza-se a Aldeia Baía das Onças, onde o trabalho foi desenvolvido (Figura 02). Na Aldeia Baía das Onças vivem aproximadamente 23 famílias, totalizando 126 moradores, sendo a maior parte Djeoromitxi, no entanto também, residem indígenas das etnias Makurap, Kanoê, Massakã, Kuyubim, Arikapu, Ajurú.



Figura 02: Aldeia Baía das Onças

Foto: Reginaldo Nunes, 2013.

De acordo com informações do Instituto Socioambiental, os Djeoromitxi moravam tradicionalmente na região sul de Rondônia (RO). Após contatos regulares com não-indígenas, por volta do início do século 20, essa população passou por um processo de grandes baixas demográficas e foi deslocada. Atualmente, estão residindo nas regiões do rio Branco e do rio Guaporé.

Sua autodenominação é Djeoromitxi. Os Djeoromitxi são tradicionalmente conhecidos pelos não-indígenas como *Jabuti*. Esse termo não é utilizado pelos Djeoromitxi como autodenominação e é provável que tenha sido através da língua makurap que esse nome chegou a ser identificado aos Djeoromitxi. Os Makurap chamavam os Djeoromitxi por Txawiti, que significa “outros índios, desconhecidos ou selvagens”. É provável que os não-indígenas tenham entendido tal palavra como "Jabuti".

Embora esse grupo indígena totalizasse uma grande quantidade de pessoas anterior ao contato, em 2006, de acordo com dados da Funasa, o número de indivíduos que se auto-identificavam como Djeoromitxi somavam 165 índios.

O ambiente tradicional desse povo é a floresta tropical úmida. Atualmente, uma parte dos Djeoromitxi vive com outros grupos na T. I. Rio Branco, ao sul de sua área tradicional. A outra parte reside na T. I. Guaporé junto com outros povos, a mais de 160 quilômetros a oeste, na fronteira do Brasil com a Bolívia, nos limites demográficos do município de Guajará-Mirim.

## **2.2. Procedimentos Metodológicos**

A presente pesquisa foi realizada na comunidade Baía das Onças, localizada na Terra Indígena Rio Guaporé no município de Guajará-Mirim, estado de Rondônia.

Antes do desenvolvimento da pesquisa, foi realizada uma reunião explicando o tema e o objetivo do projeto para a comunidade. As principais fontes de informação foram os mais velhos da comunidade, sendo obtidas informações através de entrevistas e demonstração de uso com incursão in loco em campo para registro e identificação das ervas medicinais. O estudo é do tipo descritivo e quantitativo das plantas medicinais utilizadas pelo Povo Djeoromitxi.

### **CAPÍTULO III: PLANTAS MEDICINAIS DO POVO DJEOROMITXI**

Em Rondônia, estudos etnobotânicos ainda se mostram em plena incipiência. Em várias aldeias, como na Aldeia Baía das Onças, do Povo Djeoromitxi, o uso de ervas do mato é frequente na cura de várias enfermidades, e pouco remédio dos laboratórios são consumidos. Às vezes, em último caso, utilizam-se medicamentos fornecidos pela Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) para doenças que antes ninguém conhecia.

Para que esse conhecimento não se perca de vez, foram feitas entrevistas. Os entrevistados foram minha mãe Nazaré, tia Nõbuika e o meu irmão Marcos, que aprendeu bastante com meu pai. Para realizar as entrevistas com eles sobre as plantas medicinais, tive que esperar uma oportunidade, que aconteceu no mutirão para fazer a roça da comunidade. Neste momento, eles foram dizendo: “nós temos muitos remédios que conhecemos para quase todas as doenças, mas quem conhecia mais já faleceram”. “Temos remédios para diarreia, conjuntivite, dor de dente, mordida de aranha e cobra, etc.”. Como fiquei encantado com tanta informação, convidei eles para me mostrarem as plantas no mato. No outro dia fomos e eles iam mostrando os remédios e explicando para que serviam cada uma delas, que são citadas e ilustradas a seguir nos resultados.

#### **PLANTA 01 – DJIRI PIRO RÜ Ä DJE**



<b>Parte Utilizada:</b> Frutas
<b>Usos principais:</b> Aprender a falar sem gaguejar
<b>Como usar:</b> retirar as frutas e espocar na boca da criança todos os dias até ele falar bem.

### PLANTA 02 – KARE NÕBÄ



**Parte Utilizada:** Folha

**Usos principais:** Manchas brancas na pele ou pano branco como conhecemos

**Como usar:** Amasse bem com as mãos até que criem sumo, passe no lugar afetado durante uma ou duas semanas.

### PLANTA 03 – MIÜ NÕBÄ



**Parte Utilizada:** Raiz

**Usos principais:** Leishmaniose ou como chamam aqui ferida brava, pressão alta.

**Como usar:** **Leishmaniose:** Raspar toda casca da raiz ou suficiente para colocar na ferida, depois de limpar e colocar o remédio amarrar com pano ou gases. Evitar molhar até que tome um banho, lavar e aplicar novamente até ficar bom. **Pressão:** fazer garrafada colocando a raiz raspada em dois litros de água, deixando ela por dois dias até que a água fique bem vermelha, daí poderá substituir a água que iria ingerir durante o dia até se sentir bem. Colocar em lugar frio para evitar que azede.

**PLANTA 04 – HIDJEMA TXETUÄ NÔBÄ**



**Parte Utilizada:** Folhas

**Usos principais:** Queimadura de fogos

**Como usar:** queimar as folhas, pegar as cinzas e esfregar nas mãos, aplicando no lugar afetado evitando perca de líquido na parte queimada. Isso se repete uma ou duas vezes, pois ela gruda e só larga quando estiver sarado.

**PLANTA 05 – TOO TXITXI HOANI**



**Parte Utilizada:** Folhas

**Usos principais:** Sorte para caçar tatu

**Como usar:** retire as folhas e rasgue em partes miúdas em uma vasilha com água e tome banho três vezes ao dia durante três dias.

**PLANTA 06 – MEKAHO NOBA**



**Parte Utilizada:** Raiz

**Usos principais:** Mordida de cobra pico de jaca

**Como usar:** arrancar a planta, raspe a raiz e coloque algumas gotas de água, esprema em uma vasilha e vai dando de gole em gole até controlar a dor.

**PLANTA 07 – HIRUANI**



**Parte Utilizada:** Folhas

**Usos principais:** Levantar o alto estima, disposição para qualquer trabalho e sorte para caçar.

**Como usar:** Tire as folhas e rasgue em uma vasilha grande com 20 a 50 litros de água, esfarele bem as folhas na água e tome banho três vezes ao dia até terminar.

### PLANTA 08 – HIKARUKÜ IDJIA



**Parte Utilizada:** Raiz

**Usos principais:** Corte e feridas causadas por acidentes de trabalho

**Como usar:** Arrancar a raiz, lavar bem com água e raspar, lave bem a ferida e depois esprema o líquido no lugar afetado, após subir uma espuma igual de em cima e amarrar com um pano, faça isso toda vez que for tomar banho até fechar a ferida.

### PLANTA 9 – HITOÄ NÖBÄ



**Parte Utilizada:** Folhas

**Usos principais:** Combater as feridas ou perebas como conhecemos na aldeia.

**Como usar:** Tomar banho com as folhas machucadas na vasilha durante uma semana.

### PLANTA 10 – HOANI PIPITXI



**Parte Utilizada:** Folhas

**Usos principais:** Ódio dos inimigos ou usos em favor de sua defesa

**Como usar:** Retirar as folhas com bastante cuidado, amassar e passar na rede, roupas ou cama. Após fazer usos de alguns dos objetos irá sentir tanta dor de cabeça até ir a óbito. Fazer uso dessa erva exige banho com outras ervas mansas para combater as impurezas da brava. Não recomenda-se o uso dessa erva pois é muito perigoso.

### PLANTA 11 – KUDI HAONI



**Parte Utilizada:** Folhas

**Usos principais:** Sorte para caçar veado mateiro.

**Como usar:** Tomar banho duas vezes ao dia durante uma semana.

**PLANTA 12 – BZIEKO PFOADJE HOANI**



**Parte Utilizada:** Raiz

**Usos principais:** Para os pais comerem quelônios e não dar diarreia no bebê.

**Como usar:** Arrancar a raiz e raspar após lavar bem, espremer com um pano o sumo e dar para o pai e a mãe beber (tomar uma colher de sopa) e ao recém-nascido passar o bagaço na barriguinha durante três dias.

**PLANTA 13 – PAHO TA TOADJE**



**Parte Utilizada:** Raiz

**Usos principais:** Evitar gravidez

**Como usar:** Tomar o sumo da raiz durante três períodos da menstruação, depois nunca mais a mulher irá engravidar.

### PLANTA 14 – HI IKÜKÜRÜBI NÔBÄ



**Parte Utilizada:** Raiz

**Usos principais:** Curar diarreia

**Como usar:** Arrancar a raiz, lavar na água, raspar e espremer para tirar o suco, tomar quatro vezes ao dia uma colher de sopa.

Todas essas descrições foram importantes, pois traduzem o conhecimento tradicional do povo Djeoromitxi sobre sua medicina.

Antes do contato, éramos independentes desses medicamentos no tratamento das doenças que afligiam o nosso povo, que usavam os remédios tradicionais e curavam muito bem as doenças, e as que não melhoravam com os remédios tradicionais eram levadas para o pajé rezar.

Atualmente, ninguém quase não dá mais valor nesse conhecimento e aos poucos está sendo esquecido pelo nosso povo. Aquilo que nossos antepassados tanto valorizaram nós estamos deixando o esquecimento tomar de conta, e chegando ao final.

Hoje, o tratamento da saúde é feito mais com os remédios da farmácia que contribui muito para a perda desse conhecimento. A culpa não parte diretamente do nosso povo, mas pelo contato com a sociedade envolvente que chegou sem nenhuma preocupação e reconhecimento dos nossos conhecimentos tradicionais. Pela escravidão e serviços forçados os pais não tinham tempo de ensinar seus filhos, e os pajés não tinham tempo também de formar seus substitutos e sem ninguém no lugar perdemos o conhecimento espiritual que o pajé tinha. Hoje sofremos com a ausência do pajé, que um dia foi tão importante para o nosso povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível com a realização desta pesquisa, identificar e analisar os usos das ervas medicinais do povo Djeoromitxi, que com as modificações da cultura tinham sido influenciadas e fez com que o povo deixasse de utilizar as ervas medicinais.

Todo esse esforço é importante para o povo Djeoromitxi, evitando o uso direto do remédio da farmácia, que está fazendo mais mal do que curando as doenças.

Com os dados apresentados, a Universidade pode conhecer o real potencial das ervas medicinais em relação as suas utilizações na cura de doenças do povo Djeoromitxi, o que fez com que o conhecimento tradicional fosse resgatado e fortalecido assim a cultura do povo.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. de. **A etnobotânica no nordeste brasileiro**. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 51, 2000. Brasília. Palestra... [s.l.:s.n.], 2000. p.241-249.
- ALMASSY JUNIOR, A. A. Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, ouro Preto/MG. **Tese de doutorado**. Viçosa/MG. UFV. 2004. xiv. 132f. il 29cm.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na Pesquisa de Plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: Arte e Ciência, Um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, 1996. p.47-68.
- BIAZZI, T. **O maravilhoso poder das plantas**. 3 ed. Tatuí, SP: Casa publicadora Brasileira, 2002.
- BRAGANÇA, F. C. R.; BRAGANÇA, L. A. R. Estudos etnofarmacológicos com plantas medicinais antidiabéticas. In: \_\_\_\_\_ **Plantas Medicinais Antidiabéticas**. Niterói, Rio de Janeiro: Eduuff, p. 125-127, 1996.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF)**. Brasília, 2006.
- CORREA, A.D.; BATISTA, R.S.; QUINTAS L.E.M. **Plantas medicinais: do cultivo a terapêutica**. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 284p.
- DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: UNESP, 1996. 230p.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996, 169 p.
- ELIZABETSKY, E. Etnofarmacologia de algumas tribos brasileiras. In: RIBEIRO, B. (eds.). **Suma etnológica brasileira – I. Etnobiologia**. Petrópolis: Vozes/FINEP, 1987.
- ELIZABETSKY, E. Pesquisa em Plantas Medicinais. **Ciência e Cultura**, v. 39, n. 8, p. 697-702, 1999.

FARNSWORTH, N.R.; SOEJARTO, D.D. Global importance of medicinal plants. *In*: AKERELE *et al.* **The Conservation of Medicinal Plants**. Cambridge University Press, 1991. P. 25-51.

FERNANDES, V. **Guia básico de plantas medicinais**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Amazônia, 1982. 80p.

JORGE, S. S. Alves; MORAIS, R. G. Etnobotânica de plantas medicinais. *In*: COELHO, M.F.B., COSTA JÚNIOR, P.; DOMBROSKI, J.L.D. (Org.). **Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais**. Seminário de Etnobiologia, Etnoecologia, 1. e Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais, 2. *Anais...* . Cuiabá: Ed. Unicem. p.89-98. 2003.

OLIVEIRA, R.L.C.; LINS NETO, E.M.F.; ALBUQUERQUE, U.P.; ARAÚJO, E.L. Prioridade de Conservação de Plantas Medicinais. *In*: ALBUQUERQUE, U.P.; ALMEIDA, C.F.C.B.R.; MARTINS, J.F.A. (orgs.). **Tópicos em Conservação, Etnobotânica e Etnofarmacologia de Plantas Medicinais e Mágicas**. Recife: NUPEEA/SBEE. 2005. pp. 165-188.

PIRES, M.J.P.; GRIPP, A. Conservação de recursos genéticos de plantas medicinais em banco ativo de germoplasma. **Acta Amazônica**, v. 18, s.n., p. 61-73. 1988.

SANTOS, S.J. Abordagem Etnobotânica de Plantas Medicinais utilizadas no município de Angélica, MS – Brasil. *In*: V Simpósio Iberoamericano de Plantas Medicinais, 2010, Itajaí. **Anais...**, 2010.

SHEFFER, M.C. Roteiro de estudos de aspectos agronômicos das plantas medicinais selecionadas pela fitoterapia do SUS-PR/CEMEPAR. **SOB Informa**. v. X, n. 2, p. 29-31, 1992.

SILVA, J.P. Etnociência, povos indígenas, biodiversidade e controvérsias globais: diálogo historicamente difícil entre os saberes científico e tradicional. *In*: SOUSA, I.F.S.; CABRAL, J.R.F. (eds.). **Ciência como instrumento de inclusão social**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica. 2009. pp. 109-144.

SIMÕES, C. M. O; SCKENKEL, E. P; GOSMANN, G; MELO, J. C. P. de; MENTZ, L. A; PETROVICK, P. R. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. 821p.

TOLEDO, V. M. **La etnobotánica en Latinoamérica: vicisitude, contexto, desafios**. *In*: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE BOTÁNICA / SIMPOSIO DE ETNOBOTÁNICA, 4, Colombia, 1986. Memórias. Colombia: Instituto Colombiano para el Fomento de la Educación Superior, p.146-147.

VASCONCELLOS, G.A. Propriedade Intelectual dos conhecimentos associados ao Estudo das Plantas Medicinais: desafio para gestão autônoma da biodiversidade brasileira. In: MING, L.C.; CARVALHO, L.; VASCONCELLOS, M.C.; RADOMSKI, M.I.; COSTA, M.A.G. (eds.) **Direitos de Recursos Tradicionais**: formas de proteção e repartição de benefícios. Botucatu: UNESP. 2005. pp. 21-45.